

**NARRATIVAS DECOLONIAIS:  
A MULHER NEGRA NA OBRA DE  
BEATRIZ NASCIMENTO, UM  
ESTUDO COMUNICACIONAL**

*DECOLONIAL NARRATIVES: THE  
BLACK WOMAN IN THE WORK OF  
BEATRIZ NASCIMENTO, A  
COMMUNICATIONAL STUDY*

**Lucilene Guimarães Athaide**

Bacharela em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo (UFRGS); Mestra em Ciências Sociais (Unisinos-RS); Doutoranda em Ciências da Comunicação (Unisinos-RS). Bolsista Prospecapes. E-mail: lucileneguimaraes@hotmail.com

**Resumo:** O presente artigo busca analisar de forma crítico-reflexiva a abordagem do feminino na obra da historiadora brasileira Beatriz Nascimento. A autora é uma das referências nos estudos sobre a diáspora africana e a formação dos quilombos brasileiros. Este último, considerado seu objeto mais aprofundado de pesquisa. Utiliza-se como objeto empírico o livro “Beatriz Nascimento: intelectual e quilombola. Possibilidade nos dias de destruição”, lançado em São Paulo no ano 2018 pela editora Filhos de África. A obra é um compilado de ensaios, poesias, artigos e textos de Nascimento. A partir da leitura deste livro, em diálogo com autores da teoria decolonial, constituiu-se um olhar analítico para refletir sobre o espaço destinado às mulheres na obra da autora. Logo, o que direciona o estudo é uma análise do discurso sobre o feminino e a racialidade em três produções de Nascimento, escritas em temporalidades distintas e que estão presentes no livro. O objetivo deste artigo, além de contribuir para a propagação da obra de Nascimento, ainda pouco abordada se considerada sua importância, é de retomar a pertinente discussão sobre a decolonialidade nos estudos históricos, mas, sobretudo, refletir sobre o espaço que é destinado à mulher negra no chamado Pós-Emancipação, com enfoque na época em que Nascimento escreveu: décadas finais do século XX. A leitura da obra parece indicar que ainda há um caminho a ser percorrido na investigação de escritos antirracistas. A análise que segue também indica fortemente que as questões apontadas outrora permanecem atemporais de forma inerente na sociedade brasileira.

**Palavras-chave:** Beatriz Nascimento. Mulheres negras. Decolonialidade.

**Abstract:** This article seeks to critically and reflectively analyze the approach to the feminine in the work of Brazilian historian Beatriz Nascimento. The author is one of the references in studies on the African diaspora and the formation of Brazilian quilombos. The latter is considered her most in-depth research object. The book “Beatriz Nascimento: Intellectual and Quilombola. Possibility in the days of destruction” is used as an empirical object. It was released in São Paulo in 2018 by the publisher Filhos de África. The work is a compilation of essays, poems, articles and texts by Nascimento. From the reading of this book, in dialogue with authors of decolonial theory, an analytical look was constituted to reflect on the space destined to women in the author's work. Therefore, what directs the study is an analysis of the discourse on the feminine and raciality in three of Nascimento's productions, written in different temporalities and that are present in the book. The purpose of this article, in addition to contributing to the propagation of Nascimento's work, still little discussed considering its importance, is to resume the pertinent discussion on decoloniality in historical studies, but above all, to reflect on the space that is destined for black women in the so-called Post-Emancipation, focusing on the time when Nascimento wrote: the final decades of the 20th century. Reading the work seems to indicate that there is still a way to go in the investigation of anti-racist writings. The analysis that follows also strongly indicates that the issues raised in the past remain inherently timeless in Brazilian society.

**Keywords:** Beatriz Nascimento. Black women. Decoloniality.

## Introdução

Os estudos que se debruçam sobre as epistemologias construídas a partir do pensamento das mulheres negras ganham força no Brasil nas primeiras décadas dos anos 2000. Não que antes este prisma não fosse abordado, pelo contrário, o final do século XX foi terreno fértil para pensadoras latino-americanas que fundaram a base do que entendemos, de forma mais genérica, como *feminismo negro*. Ou seja, as epistemes que estudam estas narrativas e produções a partir do entrecruzamento entre raça e gênero, primordialmente.

Sueli Carneiro<sup>1</sup>, Lélia González<sup>2</sup>, a própria Beatriz Nascimento<sup>3</sup>, tema deste artigo, e tantas outras intelectuais que nos anos 70 e 80 do século XX formularam conceitos teóricos sobre os filhos e filhas da diáspora africana, são consideradas hoje os cânones sobre a temática. Nem todas estas pensadoras receberam no ambiente acadêmico o reconhecimento que mereciam, mesmo com as suas marcantes contribuições para as Ciências Humanas e Sociais. Em sua maioria, estas mulheres foram – e são – reverenciadas a partir do olhar dos movimentos sociais negros que não deixaram que suas trajetórias caíssem no esquecimento. Nas primeiras duas décadas do século XXI, percebe-se um avanço nas narrativas negras, colocando suas autoras como protagonistas. Assim, grandes editoras, mídias digitais – o que inclui o macro universo das redes sociais – e universidades passam a se ocupar do diálogo com as epistemologias negras femininas. Ressalto mais uma vez que as intelectuais que hoje são retomadas, jamais estiveram ocultas, mas sim restritas aos movimentos negros que bebiam nestas fontes para produzir o seu ativismo social. Assim, na atualidade, estas intelectuais passam a adentrar o espaço acadêmico com força e suas teorias a disputar espaço com o pensamento patriarcal e ocidentalizado, até então tido como inquestionável.

---

<sup>1</sup> CARNEIRO, Sueli. *Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil*. São Paulo: Selo Negro, 2011.

<sup>2</sup> GONZALEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. In: ANPOCS (org.). *Ciências Sociais Hoje*. Anuário de Antropologia, Política e Sociologia. São Paulo: Cortez, 1984. p. 223-244.

<sup>3</sup> NASCIMENTO, Beatriz. *Beatriz Nascimento, quilombola e intelectual: possibilidades nos dias da destruição*. São Paulo: Editora Filhos da África, 2018.

Ramón Grosfoguel<sup>4</sup> aponta que o homem branco ocidental é a própria personificação do que é o aceitável intelectualmente. Para o autor, ainda vivemos baseados na concepção e visão dos cinco países que moldaram o conhecimento no sistema-mundo: França, Alemanha, Inglaterra, Estados Unidos e Itália. Uma perspectiva eurocêntrica que foi formulada justamente sem um diálogo verdadeiro e ético com o chamado Sul Global. Sendo assim, a ciência ainda é validada a partir de um olhar ocidentalizado e epistemicida, que apaga as contribuições de determinados grupos para a construção das teorias científicas. Não por acaso, a América Latina, onde se estabeleceram as colônias europeias, durante muito tempo teve seus intelectuais reduzidos a espectadores enquanto as narrativas dos colonizadores eram primordialmente estudadas nos grandes centros acadêmicos. As Ciências Humanas Sociais não estão excluídas deste processo.

Segundo esta marca de opressão intelectual, é importante pensar no olhar patriarcal, sexista, e sobretudo, racista que o epistemicídio carrega. María Lugones<sup>5</sup> apresenta uma crítica a este olhar introduzido a partir da construção da sociedade colonial, que apontava africanos e povos originários como espécies não-humanas e, portanto, não consideradas aptas pelos europeus para a produção do conhecimento. Diz a autora, que o processo de colonização “inventou os/as colonizados/as e investiu em sua plena redução a seres primitivos, menos que humanos, possuídos satanicamente, infantis, agressivamente sexuais, e que precisavam ser transformados”<sup>6</sup>. Para a mulher africana que chegou ao continente em navios tumbeiros, ou originária indígena, que teve seu território, mas também seu “corpo-território”<sup>7</sup> invadido, este processo foi ainda mais brutal. Estes sujeitos, carregados de uma cosmovisão baseada em saberes tradicionais, tiveram a sua concepção

---

<sup>4</sup> GROSFOGUEL, Ramón. A estrutura do conhecimento nas universidades ocidentalizadas: racismo/sexismo epistêmico e os quatro genocídios/epistemicídios do longo século XVI. *Sociedade e Estado*, Brasília, v. 31, n. 1, p. 25-49, jan./abr. 2016.

<sup>5</sup> LUGONES, María. Rumo a um feminismo descolonial. *Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 22, n. 3, p. 935-952, set./dez. 2014.

<sup>6</sup> LUGONES, 2014, p. 941.

<sup>7</sup> CABNAL, Lorena. Defender o território-terra e não defender o território corpo das mulheres é uma incoerência política. In: MOURA, Iara; PRAÇA, Marina (org.). *Outras economias: alternativas ao capitalismo e ao atual modelo de desenvolvimento*. Rio de Janeiro: Instituto Políticas Alternativas para o Cone Sul – Pacs, 2018. p. 23-28.

enquanto detentoras de conhecimento invalidadas. O resultado da colonização é visto ainda nos tempos atuais. Desta forma, se faz urgente um repensar sobre a “colonialidade de gênero” e uma “descolonização do feminismo”, como aponta Lugones<sup>8</sup>

Estes aspectos que vêm sendo discutidos pelas latino-americanas, hindus, africanas e indígenas, também podem ser encontrados nas escritas das mulheres negras nascidas no Brasil, as filhas desta colonização. Lélia González<sup>9</sup>, por exemplo, nos instiga a combater o pensamento determinista e racista que coloca sempre a mulher negra em posição de inferioridade. Djamila Ribeiro<sup>10</sup>, na atualidade, nos ajuda a compreender o lugar de fala de tantas mulheres e o papel de sua voz na sociedade.

Pensando em como contribuir para a divulgação, ampliação e discussão do olhar decolonial dentro da academia, entendido como uma contraposição à colonialidade, sendo este último “o entendimento de que o término das administrações coloniais e a emergência dos Estados-nação não significam o fim da dominação colonial”<sup>11</sup>, o presente estudo busca analisar de forma crítica a presença da mulher negra, na obra de Beatriz Nascimento. Importante pensadora dos estudos que abrangem a questão dos povos tradicionais, da religiosidade, da diáspora africana e, principalmente, da formação dos quilombos brasileiros. Este último, considerado seu objeto mais aprofundado de pesquisa.

Uma análise atenta ao trabalho de Nascimento nos sugere que aquilo que ela discute são justamente os referenciais e os propósitos da ciência que só enxerga o negro como objeto de estudo, a relação sujeito-objeto que baseia as relações binárias propostas pelo Ocidente a partir da construção de novos conceitos e abordagens, a autora nos traz uma compreensão maior do que simboliza a resignificação da vida da população negra após o tráfico transatlântico. Mas também nos aponta o que significa a condição da mulher neste mesmo contexto. Mesmo 25 anos após a morte

---

<sup>8</sup> LUGONES, 2014.

<sup>9</sup> GONZÁLEZ, 1984.

<sup>10</sup> RIBEIRO, Djamila. *Lugar de fala*. São Paulo: Pólen, 2019.

<sup>11</sup> SANTOS, Vivian Matias dos. Notas desobedientes: decolonialidade e a contribuição para a crítica feminista à ciência. *Psicologia & Sociedade*, v. 30, p. 2-11, 2018. p. 4.

física de Beatriz, seu entendimento de mundo permanece atemporal e nos aponta uma problematização profunda sobre a questão racial no Brasil. Como disse a cineasta Raquel Gerber<sup>12</sup> em um painel via *web*, “Beatriz é a própria decolonialidade”.

Para este estudo analisamos a obra *Beatriz Nascimento: intelectual e quilombola. Possibilidade nos dias de destruição*, lançado em São Paulo no ano 2018 pela editora Filhos de África. A obra é um compilado de ensaios, poesias, artigos e textos de Nascimento. Realizamos uma análise da discursividade da autora a partir de três textos contidos no livro referido: *A mulher negra e o mercado de trabalho*, *A mulher negra e o amor* e *O papel da mulher nos quilombos brasileiros: resistência e vida*. São narrativas em primeira pessoa, onde as duas primeiras são artigos produzidos para jornais e a última um ensaio acadêmico que até então não havia sido publicado. A escolha se deu após a observação de que estes três textos apresentam em sua centralidade argumentativa o tensionamento entre gênero e raça, sendo categorizado a partir destes eixos. Para este estudo a pré-análise iniciou através da leitura dos referidos textos de Beatriz Nascimento. A exploração se deu a partir de uma leitura aprofundada em interlocução com as bibliografias decoloniais e o tratamento de resultados partem das reflexões obtidas destes movimentos.

O objetivo deste breve artigo, além de contribuir para a propagação da obra de Nascimento, ainda pouco abordada nas Ciências Humanas e Sociais, é de retomar a pertinente discussão sobre a mulher negra e seu espaço na sociedade brasileira e, sobretudo, o pensamento da mulher negra enquanto produtora de epistemologias outras, detentora de sabedoria e de tecnologias ancestrais. Também ressaltamos o importante papel de Beatriz no cenário comunicacional. Antes, façamos uma contextualização da trajetória de vida de Beatriz Nascimento. Isso é necessário para compreendermos o local onde está situado seu ponto de vista argumentativo e o modo como as suas epistemes são construídas.

---

<sup>12</sup> BEATRIZ Nascimento: Quilombo e Imagem. *Youtube*, 16 jul. 2020. Publicado pelo canal Lagente Ufg. 1 vídeo son. color. (2h19min11s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=zHpJTv6GjSI>. Acesso em: 31 out. 2022.

## Sobre Beatriz Nascimento

Para formular como o feminino é abordado na obra de Nascimento, sugerimos primeiramente que façamos o exercício de deslocar o olhar para a vida da intelectual. A pergunta que fazemos ao se deparar com os escritos da autora foi “afinal, quem é Beatriz?” Consideramos este questionamento crucial e um bom ponto de partida para entender o formato da obra que nos propomos a analisar, afinal, existe um contexto de criação que sugere análises e que permite uma maior compreensão do todo. Certamente sua obra não se configura em uma pesquisa “neutra”, mas sim demarcada pelo local de onde a pesquisadora fala, parcial e posicionada politicamente. É uma obra marcada por trajetória, por *escrevivência*, se formos pensar na terminologia proposta por Conceição Evaristo<sup>13</sup> ou no *lugar de fala*, como propõe Ribeiro<sup>14</sup>.

Dito isso, Maria Beatriz do Nascimento foi uma mulher negra, autodeclarada. A intelectual nasceu em Aracaju, capital do Sergipe, no dia 12 de julho de 1942. Filha da dona de casa Rubina Pereira do Nascimento e do pedreiro Francisco Xavier do Nascimento, Beatriz era a oitava em um grupo de dez irmãos biológicos. Sua história cruza-se com as narrativas de tantos brasileiros que migraram das regiões norte e nordeste do país para o sudeste. Ela saiu de sua terra natal ainda na infância para o Rio de Janeiro, no final dos anos 40. Como definiu o pesquisador Alex Ratts ao descrever a autora, “Beatriz era mulher negra, nordestina, migrante, professora, historiadora, poeta, ativista, pensadora”<sup>15</sup>. Neste sentido, é interessante pensar de que forma a sua existência está interligada com as suas condições de acadêmica e ativista, numa simbiose onde uma não existe sem a outra. Em um complemento mútuo.

Já no sudeste, no fim da década de 70, Beatriz cursa História na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), um importante e efervescente polo intelectual de

---

<sup>13</sup> EVARISTO, Conceição. *Escrevivências da afro-brasilidade: história e memória. Releitura*, Belo Horizonte, n. 23, p. 5-11, nov. 2008.

<sup>14</sup> RIBEIRO, 2019.

<sup>15</sup> RATTS, Alex. *Eu sou atlântica: sobre a trajetória de vida de Beatriz Nascimento*. São Paulo: Instituto Kuanza / Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2006. p. 33.

sua época. Ela chegou a exercer a profissão de professora. Sua obra nesta área se volta basicamente para dois assuntos: de um lado os estudos sobre quilombos e a resistência negra no período escravocrata, e de outro lado, a situação do negro no Brasil contemporâneo. Fazendo referências diretas com o período da escravidão e com os processos da colonialidade, esta autora nos deixa como legado a compreensão sobre a ideia de um *continuum histórico*. Isto é, a continuidade de uma experiência histórica que sobrepõe a escravidão à marginalização social, segregação e resistência dos negros no Brasil. Este conceito pode ser melhor compreendido quando Nascimento trata sobre os quilombos.

Sem negar o quilombo em seu sentido histórico, ela diz que este espaço se transforma num instrumento ideológico e num sistema social alternativo. Para ela, o quilombo no Brasil sempre foi visto a partir de uma feição política, social e ideológica. E desta forma, defende então que este território segue abarcando estes corpos e se fundamentando a partir de experiências outras, e não àquelas relacionadas à fuga. Quilombos não entendidos apenas como espaços remanescentes, uma vez que estamos falando de uma continuidade do passado. Assim, na concepção da autora, favelas, cortiços, terreiros e escolas de samba seriam quilombos uma vez que pregam a resistência como conceito central de seu existir em sociedade.

O mesmo entendimento de *continuum* histórico ela apresenta quando se refere às mulheres, tema de meu interesse no presente artigo. Beatriz Nascimento se debruça a compreender a reconstrução destas descendentes da diáspora e em como se dá seu entendimento enquanto sujeitos neste solo brasileiro. Seu construto se dá a partir das mulheres negras brasileiras, netas e bisnetas de escravizadas. A exemplo quando fala do mercado de trabalho onde diz que “se a mulher negra hoje [1975] permanece ocupando empregos similares aos que ocupava na sociedade colonial, é tanto devido ao fato de ser mulher de raça negra, como por terem sido escravos seus antepassados”<sup>16</sup>.

Em 1978, Beatriz Nascimento dava início ao curso de especialização em História, projetando-se sobre os quilombos, que seriam um dos terrenos mais

---

<sup>16</sup> NASCIMENTO, 2018, p. 83.

propícios para seus levantamentos e estudos, como já dito. “Quando cheguei na universidade a coisa que mais me chocava era o eterno estudo sobre o escravo. Como se nós só tivéssemos existido dentro da nação como mão de obra escrava, como mão de obra pra fazenda e pra mineração”<sup>17</sup>, dizia. A intelectual passa a apontar de que forma a sociedade brasileira reforçava o papel de subalternidade do negro e fazia críticas ao ensino da História em debates e palestras acadêmicas. Beatriz tensionava o diálogo a partir do olhar do oprimido, desconstruindo assim a ideia de uma população que “contribuiu” para a formação do Brasil, mas que sim, teve um papel fundamental no desenvolvimento da nação.

De acordo com Ratts<sup>18</sup>, os estudos de Beatriz Nascimento têm em vista o relativo apagamento do tema nas pesquisas e nas obras didáticas e às versões estereotipadas de “valhacouto de negros fugidos”, “lugar de bandidos” e destituídos de caráter político. Aqui faz-se um adendo para compreender que mesmo num assunto onde o nome de Beatriz Nascimento é referência, seus estudos passam por uma espécie de descrédito por parte da academia. Os estudiosos sobre os quilombos que alcançaram “renome” não citam nenhum artigo de Beatriz Nascimento, em sua maioria, salienta o Professor Ratts<sup>19</sup>.

Um ano antes de sua especialização, em 1977, em um evento chamado Quinzena do Negro na Universidade de São Paulo (USP), organizada por estudantes ativistas, que Beatriz Nascimento emerge como conferencista em processo de reconhecimento público de seus estudos e pesquisas acerca de quilombos. Seu nome, que já era reconhecido dentro do movimento negro, passa a ser central em debates sobre a questão racial no país, principalmente no eixo das universidades em São Paulo – USP – e no Rio de Janeiro – UFRJ. Assim, além do ativismo, a intelectual adentra com força nos debates acadêmicos das duas universidades mais importantes do país em plena ditadura militar.

---

<sup>17</sup> NASCIMENTO, 1989 *apud* RATTS, 2006, p. 41.

<sup>18</sup> RATTS, 2006, p. 43.

<sup>19</sup> RATTS, 2006, p. 31.

Mesmo com essa importante projeção dentro das universidades do sudeste do país, talvez o marco da vida e obra de Beatriz seja a veiculação do documentário *Orí*, longa de 1989, no qual sua trajetória e estudos são fios condutores. *Orí*, dirigido por Raquel Gerber e que contou com Beatriz Nascimento na construção do roteiro, documenta os movimentos negros brasileiros entre 1977 e 1988, passando pela relação entre Brasil e África, tendo o quilombo como conceito central. O filme traz referências diretas ao tráfico transatlântico, à religiosidade e à resistência negra no Brasil. Entendendo a negritude a partir de um processo de reconstrução infinita partindo do entendimento de complementariedade entre América e África, continentes separados pelo Atlântico. O longa é importante porque é necessário compreender o “cinema como espaço de disputa discursiva”<sup>20</sup>. Logo, não se trata apenas de um produto audiovisual, mas sim de um discurso novo, contra hegemônico e que fomenta a discussão. Utilizando uma linguagem poética no filme:

Nossa cultura, nossa história, nossa ancestralidade são colocadas em questão, não ao modo de um simples lamento, mas como um convite para entender o fato de que nós fazemos parte de um conjunto de práticas, de relações com uma cultura que não se quebrou simplesmente quando da vinda de nossas (os) ancestrais africanas (os) para o solo brasileiro que o oceano Atlântico, como diz Beatriz Nascimento, separou em duas terras (continente africano e Brasil), mas ao mesmo tempo é uma ligação entre essas duas terras, histórias e culturas, e, por, isso pertencemos a uma continuação dos processos culturais, isto é, pertencemos enquanto brasileiras (os) a um *continuum* histórico.<sup>21</sup>

Como dito anteriormente, Beatriz chegou a lecionar. Ela foi professora e havia iniciado o seu mestrado em Comunicação Social, pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, quando foi assassinada, no ano de 1995, aos 52 anos. Seu orientador seria o intelectual negro Muniz Sodré de Araújo Cabral, conhecido como Muniz Sodré. A morte de Beatriz é simbólica na medida em que nos escancara exatamente tudo o que ela combatia, pontualmente, o machismo, o sexismo e a misoginia.

---

<sup>20</sup> FERREIRA, Ceiza. *Corpos e territórios negros: representações da religiosidade afro-brasileira no documentário Orí (1989)*. *Cuadernos de Música, Artes Visuales y Artes Escénicas*, Bogotá, v. 15, n. 1, p. 94-111, 2020. p. 97.

<sup>21</sup> FLOR DO NASCIMENTO, Wanderson. *Orí: a saga atlântica pela recuperação das identidades usurpadas*. In: SOUZA, Edileuza Penha de (org.). *Negritude, Cinema e Educação: Caminhos para a implantação da Lei 10.639/2003*. Belo Horizonte: Mazza, 2007. 2 v. p. 134-146. p. 135.

Conforme consta em reportagem do jornal *Folha de São Paulo*<sup>22</sup> veiculado na época de seu assassinato, Beatriz Nascimento foi morta após ser atingida por cinco tiros no bairro de Botafogo, na cidade de Rio de Janeiro. De acordo com a mesma reportagem, o assassino teria matado a professora por esta ter aconselhado sua namorada, vítima de violência doméstica, a abandoná-lo. A vítima das agressões era amiga de Beatriz. Logo, Beatriz morreu por tentar defender uma mulher da violência doméstica.

O corpo da intelectual foi sepultado no cemitério São João Batista, onde cerca de 300 pessoas, entre amigos e militantes do movimento negro, acompanharam o enterro. Ainda como sugere o título da reportagem da Folha, “*professora pode ter sido morta por racismo*”<sup>23</sup>. Ela deixou uma única filha biológica, Bethânia Nascimento: bailarina e atualmente curadora da obra de Beatriz no Brasil e no Exterior.

A morte física de Beatriz reacende uma série de questionamentos sobre a presença da mulher negra no tecido social. Sua existência enquanto intelectual corrobora com um pensamento decolonial que rompe com a hegemonia patriarcal ocidentalizada presente na sociedade brasileira. Entendemos aqui a decolonialidade como uma corrente de pensamento que objetiva libertar a produção de conhecimento da episteme eurocêntrica<sup>24</sup> a partir do diálogo que prioriza o Sul Global<sup>25</sup>. Compartilhamos da visão do sociólogo peruano Aníbal Quijano<sup>26</sup> de que a colonialidade está relacionada a uma estrutura de dominação e de exploração, que se mantém após o fim do colonialismo enquanto estatuto jurídico de poder e dominação de um povo.

---

<sup>22</sup> GRAMADO, Paulo. Professora pode ter sido morta por racismo. *Folha de São Paulo*, 31 jan. 1995. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/1995/1/31/cotidiano/21.html>. Acesso em: 21 nov. 2022.

<sup>23</sup> GRAMADO, 1995, on-line.

<sup>24</sup> GROSGUÉL, 2016.

<sup>25</sup> SANTOS, Boaventura de Sousa. *O fim do império cognitivo: a afirmação das epistemologias do Sul*. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

<sup>26</sup> QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, Edgardo (org.). *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas*. Buenos Aires: CLACSO, 2005. p. 227-278.

O legado de Beatriz Nascimento é de extrema importância para desconstruirmos uma série de “pré-conceitos” estabelecidos sobre a figura do negro. Como aponta Ratts<sup>27</sup>, Beatriz foi a expressão de uma pessoa pública cuja trajetória se correlaciona com os processos históricos do país – ditadura, democratização, reorganização do movimento negro – que afetam particularmente a população negra e as mulheres. Não por acaso, tanto na poesia, quanto em ensaios, artigos de jornais e textos acadêmicos a figura da mulher negra emerge na obra de Beatriz.

Em sua maioria, as coletâneas que fazem referência a obra de Beatriz contêm em seu início um poema escrito por Conceição Evaristo em homenagem à historiadora, cujo título é *A noite não adormece nos olhos das mulheres*. As duas intelectuais eram amigas próximas em suas vidas pessoais. No poema, em referência à saudade da companheira de movimento negro, Evaristo diz que “a noite não adormece nos olhos das mulheres há mais olhos que sono onde lágrimas suspensas virgulam o lapso de nossas molhadas lembranças”<sup>28</sup>.

Este mesmo poema de Evaristo também abre o livro *Beatriz Nascimento: intelectual e quilombola. Possibilidade nos dias de destruição* lançado pela União dos Coletivos Pan-Africanistas de São Paulo (UCPA). Grupo independente que busca trazer visibilidade aos escritos de intelectuais negros da diáspora. A obra é utilizada como fonte para a análise que segue.

O objetivo deste trabalho é divulgar e explorar o potencial analítico das contribuições do pensamento da intelectual na academia. O livro *Beatriz Nascimento: intelectual e quilombola. Possibilidade nos dias de destruição* (2018) editado pela Filhos de África, reúne artigos, textos, manuscritos, depoimentos e entrevistas – algumas produções até então inéditas.

## **A voz das mulheres**

Este artigo busca trazer alguns aspectos centrais das produções de Beatriz Nascimento, presentes no livro “Possibilidades nos dias de destruição”. Destaco o

---

<sup>27</sup> RATTTS, 2006, p. 17.

<sup>28</sup> EVARISTO, 2008, p. 13.

nome da coletânea: a frase faz parte de um depoimento de Beatriz ao se referir aos quilombos:

O quilombo é um avanço, é produzir ou reproduzir um momento de paz. Quilombo é um guerreiro quando precisa ser um guerreiro. E é o recuo se a luta não é necessária. É uma sapiência, uma sabedoria. A continuidade de vida, o ato de criar um momento feliz, mesmo quando o inimigo é poderoso, e mesmo quando ele quer matar você. A resistência. Uma possibilidade nos dias de destruição.<sup>29</sup>

Esta é uma publicação que reúne elementos interessantes para pensar a obra de Beatriz. Desde um depoimento da filha dela, Bethânia Nascimento, a projetos de pesquisa iniciados pela autora, manuscritos que os organizadores tiveram acesso. A editora Filhos da África busca disseminar obras de escritores negros e de escritoras negras do Brasil e de outros países da diáspora. Com temas que perpassam o Pan-Africanismo e o Mulherismo, por exemplo. Neste mesmo livro, também estão publicadas fotos de Beatriz e familiares, poesias inéditas, artigos escritos a jornais e simples, porém ricas, anotações. A partir desta obra é possível recriar o universo em que Beatriz esteve envolta ao longo de sua vida: um universo de formação de novas epistemologias que precisam ser disseminadas pelo mundo em virtude de seu caráter potente.

Apresentamos a seguir três textos da autora a partir de trechos que se sobressaem no livro “Possibilidades em dias de destruição”. Duas das produções foram veiculadas em jornais com um intervalo de 14 anos. A terceira faz parte de um projeto de pesquisa que foi construído pela mesma, mas não se tem a informação de sua conclusão prática. Deste último, segundo os organizadores, não foi possível identificar a data. Neste livro nota-se que todas as leituras se complementam de alguma forma, como se Beatriz estivesse tecendo uma grande teia, um emaranhado vivo de circulação de ideias. Sendo assim, ressaltamos que a atemporalidade ao falar das mulheres negras, de resistência e da religiosidade é a grande marca que acompanha a sua produção.

---

<sup>29</sup> NASCIMENTO, 2018, p. 7.

## A mulher negra e o mercado de trabalho

O texto *A mulher negra e o mercado de trabalho* foi publicado originalmente no jornal “Última Hora” no ano de 1976. Esse periódico era dirigido pelo então jornalista Samuel Wainer e foi fundado no ano de 1951, no Rio de Janeiro. Ao longo de sua existência, teve grande repercussão na imprensa brasileira e foi um dos primeiros periódicos a fazer oposição ao governo militar iniciado em 1974.

O artigo de Beatriz traz reflexões sobre a condição que a mulher negra encontra ao buscar remuneração. Já no início, a autora apresenta aquele que é um conceito central para entender a obra de Beatriz: a ideia de continuidade. Se ao falar dos quilombos ela usa a continuidade de uma forma positiva, pois trata de ressignificação de experiências fora de África, ao falar do mercado de trabalho, mostra que este mesmo termo pode ser sinônimo de cristalização de estereótipos e manutenção de privilégios e desvantagens sociais. Isso fica nítido no breve panorama da sociedade colonial, reconhecendo o seu caráter patriarcal, que a autora propõe neste texto em específico. Ela faz isso antes de adentrar em como a colonialidade se reflete no mercado de trabalho da época em que foi escrito ao artigo, meados dos anos 70, apesar de não utilizar o termo “colonialidade” propriamente dito.

Sendo assim, a autora observa o espaço social destinado à mulher branca, que seria, a partir das considerações de Beatriz, a do lar, dedicada e, por isso, respeitada e amada socialmente. No outro polo, Beatriz apresenta a mulher negra que exerce diferentes papéis enquanto trabalhadora dentro e fora de casa. Aqui, considero importante fazer uma pausa para entendermos o que significa esta mulher branca que é “do lar”. Nota-se que Beatriz está falando de uma mulher que compartilha e envolve-se numa arena doméstica de cuidados com o marido e com os filhos, não necessariamente sendo a mão-de-obra que mantém este espaço limpo, por exemplo. Este último papel seria dado socialmente então às mulheres negras.

Para autora, desde o período colonial é a mulher negra quem fornece a mão-de-obra em potencial. Como aponta Beatriz, esta mulher concorria com o tráfico transatlântico ao colocar os filhos no mundo, enriquecendo aos senhores de engenho, principalmente após as leis que proibiam a entrada de africanos cativos na então colônia portuguesa<sup>30</sup>. Foi justamente esta dita capacidade reprodutiva da mulher negra que consolidou o estereótipo do que esta população representa à sociedade: é aquela que traz filhos ao mundo, que trabalha incansavelmente, que dá conta de tudo, que não a sente dor.

Seguindo no texto, Beatriz diz que passada a época colonial, este imaginário racista seguiu. Com a era da industrialização no Brasil e o período Getulista na década de 30, os lugares sociais seguiram bem-marcados: o que é serviço de homem; o que é serviço de mulher, e por fim, o que é serviço de uma mulher negra. Neste período, estas mulheres passam a ocupar os espaços que foram atribuídos a elas, e sem possibilidade de escolha.

Questiona-se: mas e o acesso à educação não muda este cenário? As descendentes das mulheres outrora escravizadas e que conseguiram frequentar uma sala de aula na época dos escritos de Beatriz enfrentavam muitos desafios. A autora aponta que mesmo com a educação, a ascensão social de mulheres negras era limitada. Para exemplificar este argumento, a intelectual nos provoca a refletir sobre o fato de que quando a mulher branca vai ao mercado de trabalho, ela consegue funções subalternas. Contudo, esta subalternidade é bem diferente daquela experimentada por mulheres negras, que não estão nos empregos burocráticos, como o secretariado, por exemplo. Para Beatriz, são nestes momentos que o critério racial se faz mais seletivo. Às negras sobram cargos nas áreas da limpeza e trabalho doméstico, corroborando com a dimensão de um local social pré-definido. Como diz Beatriz:

---

<sup>30</sup> No ano de 1850, a Lei Eusébio de Queirós ou lei n.º 581/1850, foi promulgada no Segundo Reinado, proibindo a entrada de africanos escravos no Brasil, criminalizando quem seguisse perpetuando a prática. MAMIGONIAN, Beatriz. *Abolição do tráfico de escravos: 170 anos da Lei Eusébio de Queirós*. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

---

A mulher negra, elemento no qual se cristaliza mais a estrutura de dominação, como negra e como mulher, se vê, deste modo, ocupando os espaços e os papéis que lhe foram atribuídos desde a escravidão. A 'herança escravocrata' sofre uma continuidade no que diz respeito à mulher negra.<sup>31</sup>

Quando falamos do caráter atemporal da obra de Beatriz, atento ao fato de que a autora já falava de temáticas que seguem atuais. Em 2019, um levantamento do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada – IPEA<sup>32</sup>, apontou que ainda são as mulheres negras a maior parte das pessoas que exercem a função do trabalho doméstico no Brasil – cerca de 4 milhões de pessoas.

Este texto sobre o mercado de trabalho é finalizado com a afirmação de que a subalternização dada a esta população feminina e negra alcança outras esferas das relações, inclusive no âmbito sexual. Ou seja, ao iniciar o texto falando desta mulher não-racializada que é respeitada dentro e fora de seu lar, a autora conclui que nesta lógica patriarcal, foi destinada à mulher negra a tarefa de apoiar também a liberdade sexual masculina. Baseada no estereótipo de uma supercapacidade sexual, vinda justamente do período escravocrata, é a mulher negra que carrega o dever de servir sexualmente ao outro. “Pois a moral não se preocupa com estes sujeitos tidos como de segunda classe, muitas vezes sem poder econômico”<sup>33</sup>, nas palavras da autora.

E é justamente pensando nestas ponderações sobre a dita subalternidade da mulher negra em relação ao homem branco durante o ato sexual que podemos adentrar no próximo texto de Beatriz que discute o amor.

## **A mulher negra e o amor**

A mulher negra e o amor pode ser praticamente lido como uma sequência do texto anterior. Este foi publicado inicialmente no jornal “Maioria Falante” no ano de 1990. Este periódico se destacou no discurso da imprensa negra e foi de extrema

---

<sup>31</sup> NASCIMENTO, 2018, p. 82.

<sup>32</sup> PINHEIRO, Luana *et al* (org.). *Os Desafios do Passado no Trabalho Doméstico do Século XXI: reflexões para o caso brasileiro a partir dos dados da PNAD Contínua*. Brasília/Rio de Janeiro: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), 2019. Disponível em: [https://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/9538/1/td\\_2528.pdf](https://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/9538/1/td_2528.pdf). Acesso em: 28 out. 2022.

<sup>33</sup> NASCIMENTO, 2018, p. 85.

importância para a militância no período em que circulou entre os anos de 1987 e 1996. Além de Beatriz, outras intelectuais negras e personalidades do movimento político também tiveram seus textos publicados por esse periódico, entre elas, Lélia Gonzalez e Benedita da Silva<sup>34</sup>.

A mulher negra e o amor é uma escrita atual, mesmo com mais de 30 anos de idade e é utilizado hoje em debates que envolvem as teorizações sobre a solidão da mulher negra, área de estudo que ganha destaque na contemporaneidade com trabalhos como os de intelectuais tais como bell hooks, autora do célebre texto “Vivendo de amor”. Neste texto, a intelectual estadunidense explana a relação entre o amor e o povo negro e, conseqüentemente, a necessidade de uma cura através do amor, compreendido para além do amor romântico. A tradução do texto Vivendo de Amor pode ser localizada no Portal Geledés<sup>35</sup>, importante veículo de comunicação online de disseminação do pensamento negro no Brasil. O Geledés foi fundado pela filósofa brasileira Sueli Carneiro.

O texto de Beatriz nos instiga a discutir sobre qual amor que está sendo oferecido às mulheres negras. Ou melhor, a partir deste artigo, podemos entender o amor, além de um conceito romântico, mas que também se apoia em uma esfera política de afirmação, tal qual dito por bell hooks.

Beatriz inicia a sua observação falando da equiparação entre o homem e a mulher, principalmente no que tange à relação profissional. O leitor consegue separar o artigo em duas partes: na primeira ela aponta as aspirações que a mulher, de uma forma geral, persegue na sociedade. E na segunda parte, a autora fala do lugar que a mulher negra ocupa no tecido social e de que forma isso se articula com as relações afetuosas.

É interessante observar a forma como a autora concorda que a mulher, vista assim, como categoria geral, está subordinada de diferentes formas ao domínio

---

<sup>34</sup> GONZALEZ, Lélia. As amefricanas do Brasil e sua militância. *Jornal Maioria Falante*, Rio de Janeiro, Ano II, n. 7, p. 5, maio/jun. 1988.; SILVA, Benedita da. A mulher negra. *Jornal Maioria Falante*, Rio de Janeiro, Ano II, n. 7, p. 5, maio/jun. 1988.

<sup>35</sup> HOOKS, bell. Vivendo de amor. Tradução de Máisa Mendonça. *Portal Geledés*, 9 mar. 2010. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/vivendo-de-amor/>. Acesso em: 7 nov. 2022.

masculino. Isso seria fruto de uma sociedade patriarcal que deseja ter um controle total sobre estes sujeitos. Como diz a autora, “qualquer expressão do feminino é revestida da moral”<sup>36</sup>. Já quando adentra na questão do amor, analisada pelo prisma das mulheres racializadas, Beatriz diz que:

A mulher negra na sua luta diária durante e após a escravidão no Brasil, foi contemplada como mão-de-obra, na maioria das vezes não qualificada. Num país em que só nas últimas décadas desse século, o trabalho passou a ter o significado dignificante o que não acontecia antes, devido ao estigma da escravatura, reproduz-se na mulher negra ‘um destino histórico’.<sup>37</sup>

O texto parte destas reflexões sobre a afetividade da mulher negra nas relações, tanto nas amorosas quanto nas sociais. Quando aponta logo no início do artigo uma sociedade ocidental forjada ao masculino, ela reconhece a existência de corpos femininos controlados. Porém quando a autora traz as considerações entre a afetividade e mulheres negras, nos leva a concluir que, diferente das mulheres brancas, este grupo racializado sempre esteve sozinho: preterido socialmente e, também nas relações sexuais-afetivas.

Na visão de Beatriz, é a mulher negra quem cuida da casa como um todo, numa lógica de família que foge da forma mononuclear ocidentalizada tida como padrão. Nascimento diz que a mulher negra é mãe, filha, neta, chefe da família, irmã. Todos estes papéis vão sendo desenvolvidos de forma simultânea, ou seja, a mulher negra existe em relação a alguém numa relação referencial. Contudo, fora destes espaços familiares, a mulher negra carrega na pele as marcas do seu “destino histórico”<sup>38</sup>, proveniente do estigma da escravatura. Isto é, de alguém tipificado para ser mão-de-obra e servir, inclusive sexualmente.

Beatriz ainda diz que quando conseguem escapar do papel que a sociedade as destina, as mulheres negras seguem excluídas. Segundo a autora, mesmo com uma possível, ainda que escassa, chance de ascensão social, a mulher negra acaba isolando-se. Podemos pensar nisso no sentido de que esta mulher passa a ser

---

<sup>36</sup> NASCIMENTO, 2018, p. 354.

<sup>37</sup> NASCIMENTO, 2018, p. 355.

<sup>38</sup> NASCIMENTO, 2018, p. 355.

diferente dos seus, mas diferente também de uma sociedade branca que a hostiliza. Desta forma, ela vive em um não-lugar: de um lado os que a desprezam e, de outro àqueles que temem a sua potência ou que a olham com o olhar discriminatório. Esta solidão se agrava se considerarmos uma sociedade que privilegia padrões estéticos do que é considerado belo, “traços que têm relação direta com o branqueamento”<sup>39</sup>.

Ao finalizar este texto sobre a mulher negra e as relações de afeto, Nascimento diz que quando questiona o amor, não está falando deste sentimento a partir de um olhar ocidental, mas que busca uma paridade em relações que não reproduzam as opressões masculinas presentes no patriarcado. Segundo a autora, a mulher negra desmistifica esta ideia de amor, pois carrega o sentimento sem a fantasia amorosa ocidentalizada, a mesma fantasia romântica que estão presentes nas narrativas fílmicas, livros do ocidente e dramaturgia.

A dimensão de amor que Beatriz traz pode ser pensada de uma forma política, como um instrumento de poder. O amor negro pode ser entendido até aqui como um ato político. De uma mulher que ama de formas diferentes e que oferece amor de uma forma que rompe padrões pré-concebidos. Nos faz lembrar o movimento negro que pedia há algumas décadas "Reaja à violência racial: Beije sua preta em praça pública." <sup>40</sup> Em uma sociedade que hostiliza pessoas negras e cuja herança escravocrata e o racismo estrutural ceifaram numerosas vidas ao longo dos anos, o amor entre pessoas negras se torna uma chave importante do movimento de resistência.

### **O papel da mulher nos quilombos brasileiros: resistência e vida**

O título já nos aponta o que esperar do escrito: “O papel da mulher nos quilombos brasileiros: resistência e vida”. Beatriz, neste projeto de pesquisa sem data

---

<sup>39</sup> NASCIMENTO, 2018, p. 356.

<sup>40</sup> A frase acompanhada da foto de um casal negro se beijando na boca foi veiculada no Jornal do Movimento Negro de 1991. QUEBRANDO O TABU. "Reaja à violência racial: Beije sua preta em praça pública." Jornal do Movimento Negro de 1991. *Facebook*, 3 nov. 2018. Disponível em: [facebook.com/quebrandootabu/photos/reaja-à-violência-racial-beije-sua-preta-em-praça-pública-jornal-do-movimento-ne/2219551921434516/](https://www.facebook.com/quebrandootabu/photos/reaja-à-violência-racial-beije-sua-preta-em-praça-pública-jornal-do-movimento-ne/2219551921434516/). Acesso em: 7 nov. 2022.

definida e cujo original datilografado encontra-se no Arquivo Nacional do Rio de Janeiro, fala de resistência e de vida, dois conceitos importantes para entender a presença das mulheres nos quilombos e em sua obra. Nota-se que no título ela não traz a palavra “negra”, mas como a temática é presente em quase a totalidade de sua obra, podemos supor que a autora está tratando de uma mulher racializada como negra e quilombola. Mesmo que no título não conste, pois se trata da transcrição de um manuscrito.

Dentre os objetivos que a autora postula neste projeto de pesquisa está gerar novos trabalhos originais que abarquem a presença da mulher negra nos quilombos brasileiros. Beatriz sugere a publicação futura de um livro sobre o estudo. Ao que o livro indica, o projeto “O papel da mulher nos quilombos brasileiros: resistência e vida” não chegou a ser finalizado pela autora. Existia ali uma linha de raciocínio sobre protagonismo feminino nestes espaços que não chegou a ser concluído.

No projeto ela parte da perspectiva de que existe uma carência de produção cultural e acadêmica sobre a temática quilombola, apesar de reconhecer que existia em sua época uma movimentação da militância em torno do assunto. Beatriz aponta que se há uma invisibilidade em relação aos quilombos, assim, a mulher quilombola enfrenta então uma dupla omissão. “Como se as quilombolas não tivessem tido um papel na luta da resistência nestes territórios”<sup>41</sup>. Notamos que existe, sem mencionar o termo propriamente dito, um olhar de Nascimento já demarcado pela interseccionalidade. Como nos explica a intelectual brasileira Carla Akotirene<sup>42</sup>, a interseccionalidade pode ser entendida como um instrumento teórico-metodológico de compreensão dos marcadores da diferença. Akotirene nos direciona à análise do cruzamento entre gênero, raça e classe ao refletir sobre as relações sociais entre homens e mulheres negras, evidenciando que as opressões não são as mesmas, mas que se cruzam e se potencializam.

Com isso, Beatriz demonstra interesse em desmistificar o que ela chama de “papel histórico do feminino”, geralmente considerado como uma posição de segundo

---

<sup>41</sup> NASCIMENTO, 2018, p. 410.

<sup>42</sup> AKOTIRENE. Carla. *Interseccionalidade*. São Paulo: Polén, 2020.

plano frente aos homens. Este termo pode se articular com a ideia de continuidade histórica presentes em outros escritos da mesma autora, já mencionado neste artigo.

O projeto, cuja finalidade para qual foi construído não fica explícita no livro “Possibilidades em dias de destruição”, nos instiga a pensar justamente que esse obscurantismo do papel feminino no quilombismo “não é somente quanto a esses estabelecimentos, mas um padrão do estudo histórico e da historiografia geral”<sup>43</sup>. Uma história que faz questão de apagar a contribuição das mulheres.

Importante destacar que neste texto ela demarca novamente que existia em seu contexto de estudos uma escassa bibliografia sobre o assunto. É o que ela chama de “lapso”. Dentro deste esquecimento geral, a mulher aparece, mas geralmente associada à figura de um homem. Beatriz cita dois importantes nomes femininos da historiografia que compreende os territórios tradicionais: Aqualtune e Acotirene, lideranças importantes no Quilombo de Palmares. Mas neste mesmo sentido ainda podemos pensar ainda em Dandara de Palmares e Tereza de Benguela que muito recentemente começam a aparecer em trabalhos acadêmicos na área da História enquanto protagonistas e em campos de estudos como o das Ciências Sociais.

Este curto projeto de pesquisa de Beatriz nos provoca a refletir que o papel da mulher não deve estar ausente do esforço da reconstituição histórica, levando em consideração o quilombo como um espaço invisibilizado academicamente do processo de desenvolvimento da resistência negra e feminina.

### **Considerações finais**

Considerando os três textos de Beatriz Nascimento abordados neste breve artigo, percebe-se um esforço recorrente da autora de trazer um papel de protagonismo ao feminino em seu trabalho. Em específico, às mulheres negras. Se ainda hoje os pesquisadores que se debruçam sobre a questão racial apresentam fragilidades por não tratar da temática do pensamento feminino e negro de forma que

---

<sup>43</sup> NASCIMENTO, 2018, p. 410.

---

abarque todas as complexidades, nos anos de 1970 e 1980 do século XX, estas dificuldades eram ainda mais latentes.

Beatriz toca em dois pontos cruciais que nos permitem compreender a sociedade brasileira no pós-colonial e a herança que o período escravocrata deixou às mulheres racializadas: a exclusão no mercado de trabalho e o preterimento nas relações sociais e afetivas. Já em seu projeto, ao tratar das mulheres que vivem em quilombos, Beatriz tinha por objetivo mostrar a forma como o feminino foi uma força atuante ao criar alternativas à escravidão negra e como o “ser mulher” funcionou neste espaço de resistência dito desviante.

Mesmo 25 anos após a sua morte, Beatriz Nascimento é sem dúvidas uma pensadora atemporal. Seus escritos dialogam em uma profundidade poética que vai muito além do academicismo. Considerada pelos estudiosos de sua obra uma das maiores intelectuais que este país já produziu, fato é que ainda há muitos aspectos de seus conceitos que precisam ser analisados pela academia.

Enxergar a mulher a partir dos olhos de Beatriz é um exercício que nos permite de certa forma romper com toda uma concepção que excluiu as mulheres negras do processo histórico. Mas também nos exige atenção para compreender que Beatriz é a mulher de que fala, elas se complementam como se fossem únicas. Pois a autora é fruto também do processo afro-diáspórico de que trata em seus escritos.

Beatriz Nascimento pode ser entendida como um fio condutor no Brasil para se pensar a decolonialidade e a interseccionalidade. Quando se aponta a importância do olhar sobre o feminino em sua obra, logo evocamos o pensamento africanista, que nos apresenta corpo, espírito e Orí como um elemento só, complementar. Ciente da importância de ultrapassar o pensamento colonial, estigmatizante e que inferioriza os sujeitos frutos da diáspora, a autora buscou dar visibilidade à causa negra em sua completude. Fez isso para além do debate sobre o preconceito racial, que aliás não é o “problema do negro”. A intelectual coloca a construção de gênero e a consequente discriminação da mulher negra como uns dos efeitos desta colonialidade a ser combatido.

Por isso se faz tão importante entender a ideia de continuidade em sua obra. É a continuidade de quem cruzou o Atlântico e que sobrevive neste território. Aos que

se deparam com a sua obra fica a certeza de um grande universo a ser explorado, mas também a reverência a uma intelectual completa que segue, atualmente, mais viva do que nunca.

## Referências

AKOTIRENE, Carla. *Interseccionalidade*. São Paulo: Polén, 2020.

BEATRIZ Nascimento: Quilombo e Imagem. *Youtube*, 16 jul. 2020. Publicado pelo canal Lagente Ufg. 1 vídeo son. color. (2h19min11s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=zHpJTv6GjSI>. Acesso em: 31 out. 2022.

CABNAL, Lorena. Defender o território-terra e não defender o território corpo das mulheres é uma incoerência política. *In: MOURA, Iara; PRAÇA, Marina (org.). Outras economias: alternativas ao capitalismo e ao atual modelo de desenvolvimento*. Rio de Janeiro: Instituto Políticas Alternativas para o Cone Sul – Pacs, 2018. p. 23-28.

CARNEIRO, Sueli. *Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil*. São Paulo: Selo Negro, 2011.

EVARISTO, Conceição. Escrivências da afro-brasilidade: história e memória. *Releitura*, Belo Horizonte, n. 23, p. 5-11, nov. 2008.

FERREIRA, Ceiza. Corpos e territórios negros: representações da religiosidade afro-brasileira no documentário Orí (1989). *Cuadernos de Música, Artes Visuales y Artes Escénicas*, Bogotá, v. 15, n. 1, p. 94-111, 2020.

FLOR DO NASCIMENTO, Wanderson. Orí: a saga atlântica pela recuperação das identidades usurpadas. *In: SOUZA, Edileuza Penha de (org.). Negritude, Cinema e Educação: Caminhos para a implantação da Lei 10.639/2003*. Belo Horizonte: Mazza, 2007. 2 v. p. 134-146.

GONZALEZ, Lélia. As amefricanas do Brasil e sua militância. *Jornal Maioria Falante*, Rio de Janeiro, Ano II, n. 7, p. 5, maio/jun. 1988.

GONZALEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. *In: ANPOCS (org.). Ciências Sociais Hoje. Anuário de Antropologia, Política e Sociologia*. São Paulo: Cortez, 1984. p. 223-244.

GRAMADO, Paulo. Professora pode ter sido morta por racismo. *Folha de São Paulo*, 31 jan. 1995. Disponível em:

<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/1995/1/31/cotidiano/21.html>. Acesso em: 21 nov. 2022.

GROSFOGUEL, Ramón. A estrutura do conhecimento nas universidades ocidentalizadas: racismo/sexismo epistêmico e os quatro genocídios/epistemicídios do longo século XVI. *Sociedade e Estado*, Brasília, v. 31, n. 1, p. 25-49, jan./abr. 2016.

HOOKS, bell. Vivendo de amor. Tradução de Maísa Mendonça. *Portal Geledés*, 9 mar. 2010. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/vivendo-de-amor/>. Acesso em: 7 nov. 2022.

LUGONES, María. Rumo a um feminismo descolonial. *Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 22, n. 3, p. 935-952, set./dez. 2014.

MAMIGONIAN, Beatriz. *Abolição do tráfico de escravos: 170 anos da Lei Eusébio de Queirós*. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

NASCIMENTO, Beatriz. *Beatriz Nascimento, quilombola e intelectual: possibilidades nos dias da destruição*. São Paulo: Editora Filhos da África, 2018.

PINHEIRO, Luana *et al* (org.). *Os Desafios do Passado no Trabalho Doméstico do Século XXI: reflexões para o caso brasileiro a partir dos dados da PNAD Contínua*. Brasília/Rio de Janeiro: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), 2019. Disponível em: [https://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/9538/1/td\\_2528.pdf](https://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/9538/1/td_2528.pdf). Acesso em: 28 out. 2022.

QUEBRANDO O TABU. "Reaja à violência racial: Beije sua preta em praça pública." *Jornal do Movimento Negro de 1991*. *Facebook*, 3 nov. 2018. Disponível em: [facebook.com/quebrandootabu/photos/reaaja-a-violencia-racial-beije-sua-preta-em-praca-publica-jornal-do-movimento-ne/2219551921434516/](https://www.facebook.com/quebrandootabu/photos/reaaja-a-violencia-racial-beije-sua-preta-em-praca-publica-jornal-do-movimento-ne/2219551921434516/). Acesso em: 7 nov. 2022.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. *In*: LANDER, Edgardo (org.). *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas*. Buenos Aires: CLACSO, 2005. p. 227-278.

RATTS, Alex. *Eu sou atlântica: sobre a trajetória de vida de Beatriz Nascimento*. São Paulo: Instituto Kuanza / Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2006.

RIBEIRO, Djamila. *Lugar de fala*. São Paulo: Pólen, 2019.

SANTOS, Boaventura de Sousa. *O fim do império cognitivo: a afirmação das epistemologias do Sul*. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

SANTOS, Vívian Matias dos. Notas desobedientes: decolonialidade e a contribuição para a crítica feminista à ciência. *Psicologia & Sociedade*, v. 30, p. 2-11, 2018.

SILVA, Benedita da. A mulher negra. *Jornal Maioria Falante*, Rio de Janeiro, Ano II, n. 7, p. 5, maio/jun. 1988.